

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Viagem ao Centro da Terra

Júlio Verne



leon



TRALHASVARIAS.BLOGSPOT.COM

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Viagem ao Centro da Terra

Júlio Verne



Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

Viagem ao Centro da Terra

Júlio Verne

Tradução de Maria Auta de Barros

Copyright © 1974, 1986 by Pendulum Press, Inc. (United States of America)

Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em Portugal pela
EDITORIAL PUBLICA, LDA.

Av. Poeta Mistral, 6-B — 1000 Lisboa

Capa: José Antunes

Revisão gráfica: António Marques Francisco

Composto por Textype — Artes Gráficas, Lda.

Impresso por Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda.

Edição n.º 527

Acabado de imprimir em Setembro de 1986

Depósito Legal n.º 11 269/86



O Autor

Júlio Verne, nascido em Nantes, na França, em 1828, era filho de um advogado. O pai esperava que ele seguisse a sua profissão, mas Verne estava entregue às viagens marítimas e ao estudo científico.

O seu interesse pela ciência levou-o a escrever interessantes obras de antecipação científica. De facto, muitas das situações criadas nos seus livros foram mais tarde concretizadas. Por exemplo, os submarinos foram descritos por Verne antes de serem construídos. No século XIX, Verne falava de foguetões à volta da Lua, de televisão, de bombas atómicas, de viagens aos pólos, de fotografia, automóveis e viagens ao interior do globo terrestre.

Dos seus livros mais conhecidos referimos «As 20 000 Léguas Submarinas», «A Volta ao Mundo em 80 Dias» e «Viagem ao Centro da Terra».

Verne escreveu cerca de 100 romances e tornou-se num dos escritores mais conhecidos do mundo. Morreu em 1905 com 77 anos.

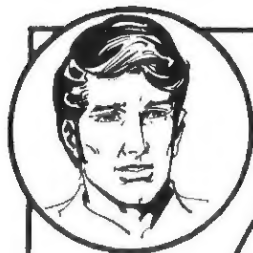
Júlio Verne

Viagem ao Centro da Terra

Adaptação
NAUNERRLE FARR

Ilustração
VAL CALAQUIAN

Produção
VINCENT FAGO



Henry Lawson



Professor
Von Hardwig



Hans



Dr. Fridreksson



Gretchen

*Cem milhas para o interior da Terra, descobrimos uma floresta gigante,
uma manada de mastodontes* e um pastor que olhava por eles!
Escondemo-nos atrás de uma árvore para não sermos descobertos.*

O homem
só viu animais
destes em
museus.

E aqui estamos nós
à sua mercê,
sós, algures no
centro da Terra!

* animal muito grande, já extinto, semelhante ao elefante

A minha estranha aventura começou por volta de 1860, na cidade de Hamburgo. Vivia e estudava com o meu tio, o prof. Von Hardwig, famoso cientista interessado em minerais e geologia*.

Posso aprender tudo sobre a Terra com o meu tio, se estudar a sério.



O meu tio tinha uma bonita afilhada com quem eu esperava casar.

...E tudo sobre o céu com a minha querida Gretchen.



O meu tio era um homem muito inteligente... e impaciente!

Henry! Henry! Henry!

O meu tio já chegou!



Henry, vem cá acima.

Vou já, tio!



* ciência que estuda as camadas da Terra e a sua formação e disposição

Henry, comprei um livro
que pertenceu a Arne
Saknussem, o grande
cientista islandês
do século xvi.
Dentro, estava
este papel.



Tenho a certeza
que contém um
segredo valioso,
talvez uma
descoberta feita
por Saknussem!



O alfabeto
rúnico*!
Sabes lê-lo?

Não...
não sei...



...Não como nem
durmo enquanto
não o decifrar!

Francamente,
querido tio...



* antigo alfabeto germânico e escandinavo

Nem tu, também,
Henry!

Mas, tio...



São cento
e trinta
e duas letras...
tenta isto...



*O meu tio era teimoso.
As horas passaram.*

Já tentámos espanhol,
francês, italiano,
grego, hebraico...



Talvez uma
combinação
de letras...



Sem jantar, sem
pequeno-almoço...
morrem à fome!



Seja qual for a forma
como escrevemos
não dá certo.



Tem de
haver
um
meio.

*Cansado e com calor,
abanei-me com a nossa
última tentativa.*



Tio!



Não faz sentido
da esquerda para
a direita, mas
ao contrário...

Ao contrário!
Claro!

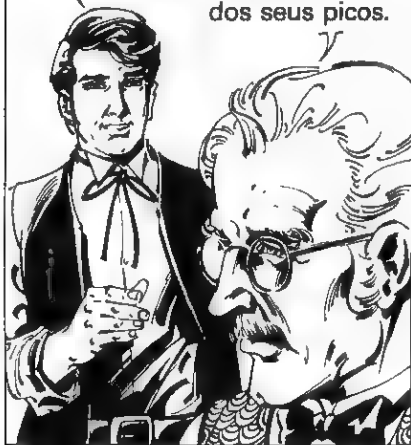


Desce à cratera do Sneffels,
tocado pela sombra de
Scartaris antes do início de
Julho, e, bravo viajante,
chegarás ao centro da Terra.
Eu cheguei.
Arne Saknussem.



Que significa
isso?
O que é
Sneffels e
Scartaris?

O Sneffels é um
vulcão extinto
na Islândia.
Scartaris é o
nome de um
dos seus picos.



Antes do início
de Julho,
Scartaris
deverá
projectar a sua
sombra sobre
a abertura
duma cratera,
a qual conduz
ao centro da
Terra.



Do que se sabe até agora, quanto
mais se avançar para o centro da
Terra, mais calor há.
Deve chegar aos vinte mil graus!



Não temo o perigo
nem as dificuldades!
A única forma de saber
é como Arne
Saknussem: ir lá ver!



*O meu tio saltava de alegria.
Estava louco de prazer.*



Henry,
prestaste-me um
grande serviço!
Quero que
dividas a glória
comigo!

Fico feliz
por vê-lo
assim,
tio...

*Tentei convencê-lo de que o papel era
uma partida e que os cientistas
achavam que o homem não podia ir
ao centro da Terra dado o calor.
Mas ele não me ouviu!
Corri a contar a Gretchen o plano
do meu tio.*

...Islândia, para
o Sneffels,
para o centro
da Terra!

Que viagem
maravilhosa...
Digna de
um sobrinho
do professor
Hardwig!



Faz a minha mala
e a tua.
Partimos
imediatamente...
para o centro
da Terra!

Impossível!



Pensei que
fosses contra
este plano louco.

Não, acho-o
maravilhoso.
Quem me
dera poder ir.



*Isto foi o
golpe final.*

Na manhã seguinte, embarcamos no comboio para Copenhague.

Estás preocupado com o perigo e sem necessidade, rapaz!

Se o tio diz, vamos lá ver.

**Se o tio diz,
vamos lá ver.**

Lembra-te,
rapaz, nós
somos simples
turistas.
Não devem
saber do nosso
objectivo!
É um segredo
só nosso.

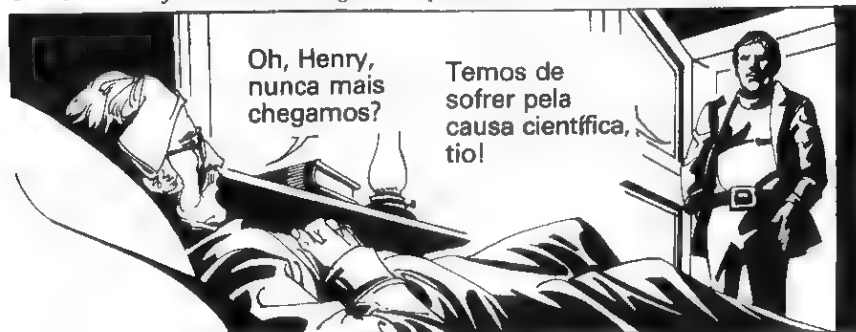
Vai visitar a Islândia? Óptimo! Levará cartas para o Governador e para o Prefeito.

Muito obrigado.

Embarcámos num naviozinho dinamarquês que ia para a Islândia.



O meu tio enjoou toda a viagem, o que muito o aborreceu.



Dez dias depois, ancorámos na baía de Reykjavik, na Islândia e o meu tio pôde, então, sair do camarote.



Desembarcaram-nos com as nossas provisões...

Lembra-te, nem
uma palavra do
nosso segredo,
Henry!



Fomos bem
recebidos.

Benvindos,
cavalheiros!
Eu sou o
Governador,
barão
Trampe.

Prefeito Finsen...

Doutor
Fridreksson,
professor
na nossa
universidade!



Estamos
ao vosso
dispor.

Chamem-nos
para o que
precisarem.

A minha
casa é
vossa!

Obrigado!



Henry
acabaram-se os
problemas.
Só nos resta
descer ao centro
da Terra!

E isso
não é
nada?



*Ao jantar,
a conversa versou
sobre questões
científicas.
Falaram do cientista
Saknussem.
E então...*



Professor, espero
que não deixe a
nossa ilha sem
examinar a riqueza
dos minerais.

Ainda não
foram
explorados?

Há muitas
montanhas,
glaciares* e vulcões
por explorar.

Sim?



Posso mostrar-lhe
um sem me levantar
da cadeira.

Sim?



Através desta
janela, vê-se
o Sneffels,
um vulcão
extinto
há apenas
500 anos!

Ótimo!
Então começarei por
estudar o Sneffels!



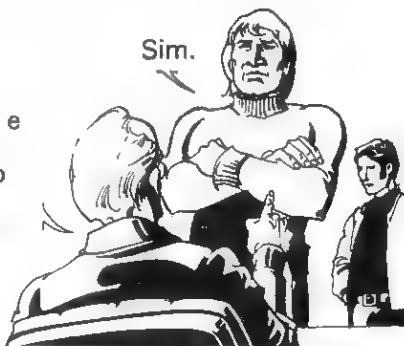
*Foi difícil conter o riso ao ouvir o
meu tio disfarçar a sua alegria.*

* grande formação de gelo

*Aqueles homens
falaram-nos
num guia que
veio ter
conosco
na manhã
seguinte.*

Tu és o Hans?
Levas-nos até
ao Sneffels?
Arranjas cavalos e
tratas de tudo?
Sabes que quero
fazer alguns
estudos que vão
demorar?

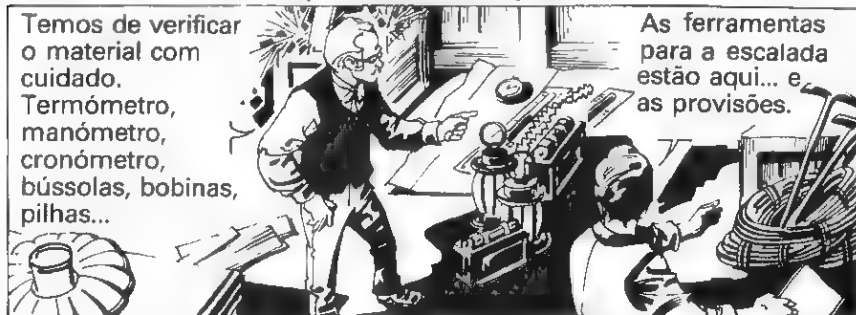
Sim.



O Hans e o meu tio não podiam ser mais diferentes.

Temos de verificar
o material com
cuidado.
Termómetro,
manómetro,
cronómetro,
bússolas, bobinas,
pilhas...

As ferramentas
para a escalada
estão aqui... e
as provisões.



*Hans apareceu com os cavalos
na manhã seguinte.*

Dois para
a bagagem
e dois
para nós...
como é que
vais, Hans?

A pé.



Mais para aqui?
Mais alto...
ou talvez,
mais baixo?



*Sem escutar as indicações do meu
tio, Hans arrumou tudo muito bem.*

Por fim, partimos. Seguimos a linha da costa através de prados pobres e arenosos, muitas vezes cobertos de rochas.



Chegámos a um rio largo, com paredes altas e rochosas e águas agitadas.





*O aspecto da jangada
pôs-me nervoso,
mas fizemos a travessia em
segurança e prosseguimos
viagem.*



Navegámos todo o dia.
Víamos o cone do Sneffels cada
vez mais perto e, por fim,
chegámos a Stapi, a pequena
aldeia mais próxima.



Os cavalos não podem
ir mais longe.
Os carregadores
levarão as provisões até
ao cimo da cratera.



O caminho era irregular
e perigoso.



Cuidado com
o caminho,
Henry.

De vez em quando, Hans parava
e fazia uma pilha de pedras.



Ele é esperto...
assim não nos
perdemos no
regresso.

Estou
a ver!

O vapor que jorrava à nossa volta denunciava actividade vulcânica.



E se o Sneffels entra em actividade enquanto estamos aqui?



Antes de uma erupção o vapor desaparece. Estamos seguros.



Durante muitas horas trepámos por grandes escarpas, rochedos enormes e campos nevados.



Podemos
acampar
aqui, Hans?

Não é
seguro!
Para cima!



*Por volta das onze da noite,
quando me julgava sem forças...*

Scartaris!

Já chegámos!...



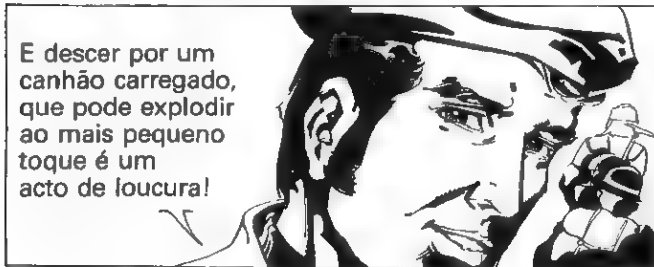
*Após uma noite de merecido
sono, fomos acordados por um
sol radioso.*

Imagina como seria este
buraco cheio de chamas,
raios e trovões!

Faz-me lembrar um
canhão muito grande,
carregado.



E descer por um
canhão carregado,
que pode explodir
ao mais pequeno
toque é um
acto de loucura!



*Mas Hans,
com o seu ar
calmo,
tomou
lugar à frente
do grupo e
eu segui-o.*

*Para facilitar a descida,
Hans fez-nos andar
em ziguezague.*



*Um dos carregadores deixou
escapar um dos volumes.*



... que desapareceu rapidamente lá no fundo.



*Isto deixou-me
inquieto.
Ao meio-dia
tínhamos acabado
a descida.*

Os carregadores voltaram para casa. Hans adormeceu e eu fiquei a observar a alegria infantil do meu tio.



Vês, Henry...
três túneis que conduzem
à grande fornalha central!

Henry, Henry,
chega aqui...
depressa!



Que se passa?

Vê... aqui
gravado...
o nome dele!

Arne
Saknussem!
Mas que túnel
seguimos?



Lembra-te da mensagem!
A partir do início de Julho,
a sombra de Scartaris indicará
a cratera certa!



O pico pontagudo
será como um dedo
a apontar?



Mas durante dois dias não houve
sol para dar sombra.
Só caiu uma mistura de chuva e neve.
O meu tio enfureceu-se.



De repente, numa mudança brusca, o Sol começou a brilhar.



Cheguei-me à beira do túnel.
Olhar para baixo entonteceu-me.

As paredes são a
pique... o fundo
não se vê!

Usaremos a
corda com
120 metros.



O meu tio ordenou que dividissemos a bagagem em três.

As ferramentas,
a comida,
os instrumentos...
cada um leva um peso.



Quanto ao resto...
deita-se fora!



*Os pacotes desapareceram
com um silvo e um rolar
de pedras.*

Agora é a nossa vez!



A 60 metros há uma
saliência para
descansarmos.
Puxamos a corda
e continuamos!



Fizemos isso várias vezes.



Três horas...
e não
aparece o
fundo.



Então...

Párem!

Chegámos ao
fundo!

Ao fim
de sete
horas!



Lançámos a corda
vinte e oito vezes
e descemos
1680 metros!

Acho que
devíamos comer
e dormir.

*No dia seguinte, como de costume,
o meu tio verificou os instrumentos
e anotou o que viu.*



Barómetro,
29 graus...
termómetro,
6,4 graus.

Depois do pequeno-almoço, continuámos por um túnel descendente, dentro da cratera.



Uma caminhada de 7 horas levou-nos a uma grande gruta.



Seguimos a lava até chegarmos a uma bifurcação.



A descida foi lenta e difícil. Por vezes, passámos por uma série de arcos.



Maravilhoso!
Como uma
velha igreja.

Outras vezes, tivemos de rastejar.



Ou de
raposa.
Tocas de
castor.

Os dias passaram, e então...



Tio,
estamos
quase sem
água!

Teremos de
poupá-la, até
encontrarmos
mais.

De repente, vimo-nos diante de um muro liso.



O fim
da
passagem!

Agora sabemos
que não era o
caminho de
Saknussem.
Só nos resta voltar
e tentar o outro!

Descansamos uma noite e prometo que em três dias estaremos na bifurcação.

Mas amanhã já não teremos água!



Na viagem de regresso tivemos calor e sede.



Por fim, no terceiro dia, depois de rastejarmos durante horas...



Então, senti o meu tio perto de mim. Levantou-me a cabeça.

Bebe, rapaz!
O último gole...
guardei-o para ti.

Querido tio!



*A água molhou-me a garganta
e deu-me força para falar.*

Pelo menos... já sabemos que fazer.
Voltar para Sneffels.

Como?
Desistir tão
perto do fim?
Nunca!



Então é certo que
nunca voltaremos.

Ouve, rapaz...
faço-te uma
proposta. A água é
o único problema.



Sim, tio?

O próximo túnel
parece descer.
Dentro de horas
alcançaremos
o granito onde
encontraremos
água!



Dá-me mais um dia,
Henry!
Se não
encontrarmos água,
desisto e voltamos
à superfície!

Bem...



*Eu sabia como
custava ao meu tio
fazer aquela
proposta, por isso...*

Tenho de aceitar,
tio. Não percamos
tempo!



Retomámos a descida pela nova passagem.



Estamos na pista certa!
Sinto-o!

Vejo cobre,
manganés... vestígios
de platina
e ouro!

As horas passaram, as paredes passaram a ser de granito... mas nada de água.



Sinto que vou desmaiar.
Ajudem-me!

Henry...

Apoderou-se de mim uma grande fraqueza. Caí no chão.



Eu... desculpe, tio.

Onde está o Hans?

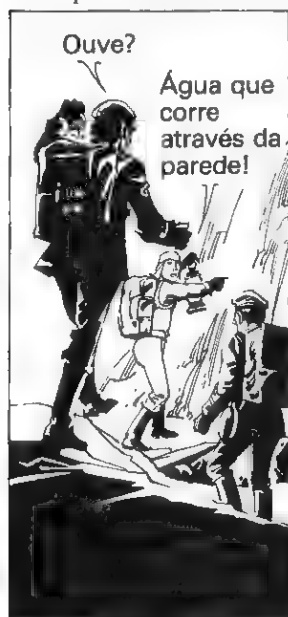
De repente, Hans regressou.



Sim?

Vatten.

Água, água!



Hans começou a trabalhar com o pé-de-cabra e a picareta.



Ao fim de uma hora, a água jorrou através da parede...



Ai!

Está a ferver!

Deixa lá.
Depressa
arrefecerá.

O meu tio tinha razão. Depressa a pudemos beber.



Nunca a
água soube
tão bem!

Nunca
bebeste água
a 9 mil
metros de
profundidade.

Descansámos uma noite e continuámos, esquecidos do que passáramos.



Em frente...
e o rio
acompanhar-
nos-á!

Enquanto
for assim
estou certo
que terá
êxito!

Continuámos a viagem por vários dias.

Durante dois dias descemos um poço íngreme com a ajuda das cordas.

Por fim, a 18 de Julho, num sábado, chegámos a uma grande gruta.

Decidimos que o domingo seria dia de descanso.

O meu tio passou horas a ordenar as notas.





Fizemos 375 kms
para Sudoeste
do Sneffels!

Então,
estamos
debaixo do
Oceano
Atlântico.



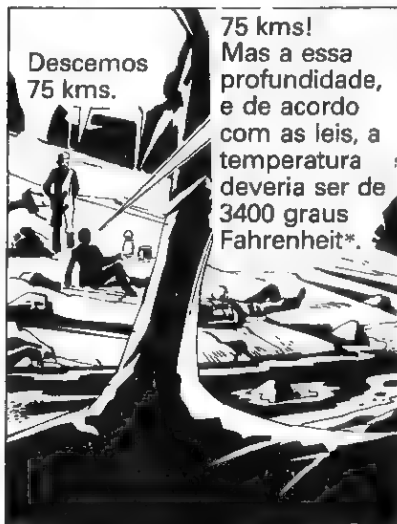
É possível que
haja coisas a
navegar sobre as
nossas cabeças!

É possível!



As baleias nadam
perto do fundo
do mar?

Não há
perigo de o
atravessarem.



Descemos
75 kms.

75 kms!
Mas a essa
profundidade,
e de acordo
com as leis, a
temperatura
deveria ser de
3400 graus
Fahrenheit*.



As rochas
deveriam estar
derretidas e nós
a ferver!

Mas como vês,
rapaz, isso não
é assim!

* escala de temperatura que tem o seu ponto de congelação a 32°C

Na manhã seguinte, quando deixámos a gruta para continuarmos viagem, ficámos boquiabertos. Estávamos à beira de um grande oceano.



O mar... o mar!

E a luz... espantosa!
Mas não pode vir
do Sol.



Nuvens a flutuar no ar...

Mas
acima
delas há
um tecto
de
granito e
não o
céu!



Vejamos o
que está para
lá das rochas.

Vamos caminhar
pela praia e
explorar?

Atrás das rochas, havia uma grande floresta.

Nunca vi uma árvore como esta.

Não são árvores... são cogumelos gigantes!



E isto são fetos grandes e ervas altas!

Parece que estamos numa estufa misteriosa!

Há animais também!

Deve ser o maxilar inferior de um mastodonte!



Será que algum destes monstros está escondido atrás das rochas?

A-acha que sim?



Mas não encontramos nenhum ser vivo naquela praia. Acabada a exploração, voltámos à gruta para dormir.

Quando acordei no dia seguinte, Hans e o meu tio tinham desaparecido. Ouvia martelar à distância.



Bom dia, Henry!
O Hans está a construir uma jangada para continuarmos a viagem.

Jangada?
Continuar?



Começava a aprender que tudo era possível. Poucas horas depois, estávamos prontos a continuar.

Flutua bem e o Hans construiu um leme*.
Partir!

Está bem, tio!



Como descobridores deste porto, devíamos baptizá-lo.

Chamemos-lhe Porto Gretchen!



Navegámos com vento, a grande velocidade.
Depressa deixámos terra para trás.

* instrumento que serve para dirigir o barco

Navegamos durante dias, sem avistar terra, a comer e a dormir na jangada.
O meu tio começou a ficar impaciente.

Estamos a avançar depressa, tio.

Mas não estamos a descer!
Creio que perdemos a rota de Saknussem.



O meu tio tentou sondar* o fundo do mar, usando o pé-de-cabra.



Tivemos grande dificuldade em puxá-lo para bordo.

Oh! Está preso?

Não, já aqui vem.



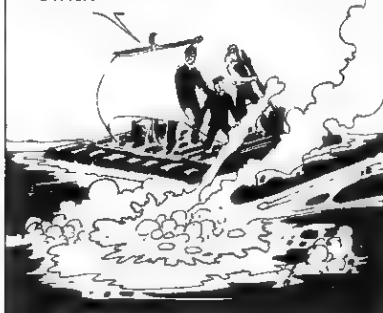
Dentes!



Que monstro tem dentes tão fortes?



Depressa saberemos,
oiha!



Cuidado!



A jangada pareceu bater numa rocha escondida. Foi erguida no ar.

Um lagarto marinho
enorme!

Um ictiossauro!
Vejam as
mandíbulas...
e os dentes!



*Hans moveu o
leme com força
para um lado,
para tentar fugir.*



Outro! Um plesiossauro...
o terrível crocodilo do mar!

Basta uma dentada
para nos esmagarem!



Aproximaram-se cada vez mais de nós...

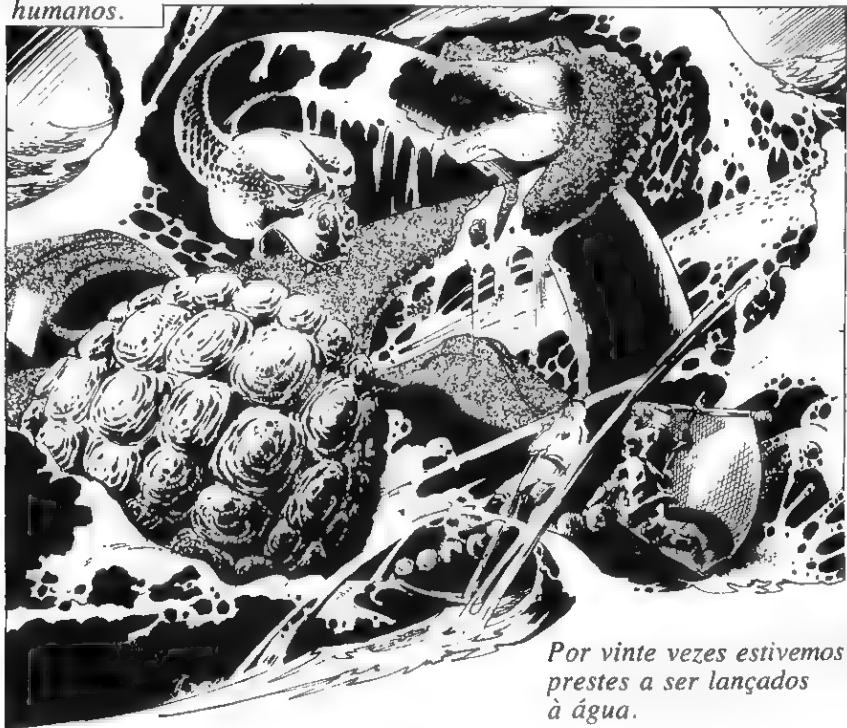


Os monstros passaram a 1,5 metro da jangada e atiraram-se um ao outro.

Ficámos parados sem conseguir falar.



Uma luta entre monstros pré-históricos nunca fora presenciada por olhos humanos.



Por vinte vezes estivemos prestes a ser lançados à água.

De repente, desapareceram, deixando atrás deles um redemoinho que quase nos arrastou.



Assim que as águas acalmaram, a cabeça do plesiossauro voltou a aparecer.



Está morto!

Fujamos, antes que o outro volte para nos destruir.



Apressámo-nos a sair dali, empurrados por um vento forte.

Creio que vamos ter mau tempo, tio.

E que tem isso?



Arriemos a
vela, tio.
É o mais
aconselhável.

Não! Deixa a
tempestade
arrastar-nos
para a costa.



*A tempestade veio dos pontos
mais distantes daquele mar.
O vento uivava.*



A vela, tio,
a vela!

Deixa-a!



*A tempestade durou
três dias e três noites.*

*Os relâmpagos atingiram
o mastro.*



*Sem o Hans não teríamos
sobrevivido.*

*Quando voltei a abrir os olhos,
era de dia e o tempo estava lindo.*

Como está,
tio?

Encantado!
Chegámos a um
porto e podemos
continuar
a descida
pela terra!



Não perdemos
as provisões
ao naufragar?

O bom Hans salvou
quase tudo...
incluindo a
bússola.



*O meu tio leu
a bússola e ficou
espantado.*

Não pode ser!



E esfregou os olhos.

Impossível!



*Voltou a olhar
e sacudiu a cabeça...*

Tio...
o que é?



Indica o Norte para onde pensava que era o Sul. O vento deve ter mudado durante a tempestade e voltámos à costa do Porto Gretchen!



Tantos dias de viagem para nada!

Tio, não podemos voltar para o mar. É loucura navegar numa pilha de troncos, com um lençol por vela e um pau por mastro.



Não desistirei. O Hans está a consertar a jangada.



Basta-nos partir amanhã. Até lá, vamos continuar a explorar.

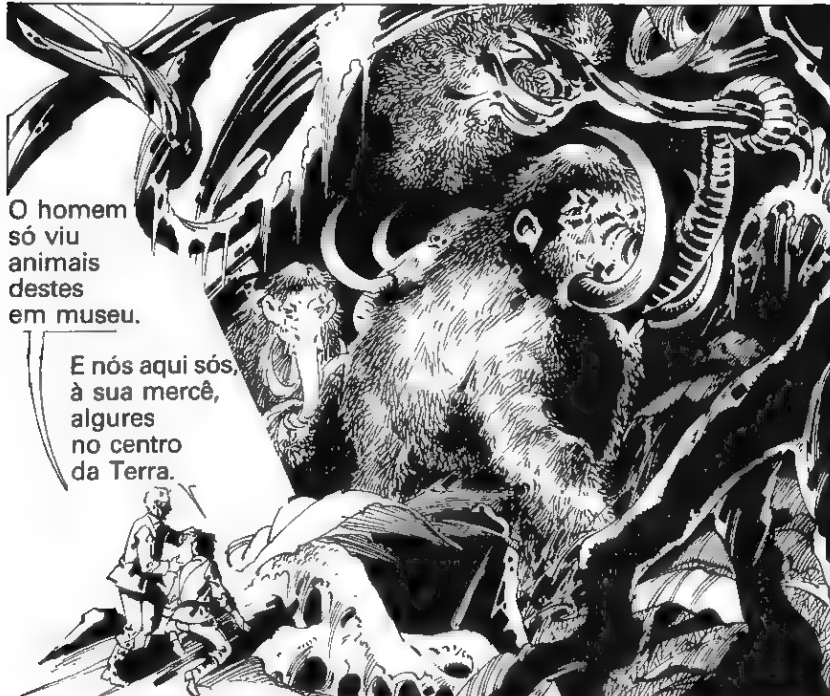
Muito bem, vamos visitar esta floresta...

Andámos alguns quilómetros, até que...



Tio... veja! Animais vivos!

Mastodontes!



O homem
só viu
animais
destes
em museu.

E nós aqui sós,
à sua mercê,
algures
no centro
da Terra.

Vem, vamos vê-los
mais de perto!

Não! Se nos atacarem,
morreremos em
segundos.

Olha, Henry!
Nem quero
acreditar!



Um gigante!



Tem tamanho para os fazer obedecer!

Vamos embora!
Pode ver-nos a todo o momento!



Pela primeira vez, o meu tio fez o que eu disse.

Dali a pouco estávamos longe daquele monstro.
Encaminhámo-nos de novo para a praia.



Veja!

O que é, Henry?



Isto!

Um velho
punhal!



Não é nosso.
Deve ser do Hans!

Não, tio...
sabe que o Hans
não usa nada disso.



É de aço...
mas antigo...
típico do
século XVI!



Tem ferrugem
de centenas
de anos!



As lâminas estão
dentadas e tortas!

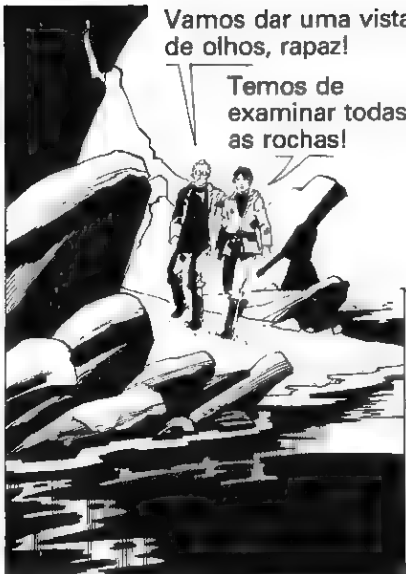
Mas tio... deve ter sido deixado aqui por um homem moderno!

Sim... o homem que veio antes de nós... e que escreveu com ele o seu nome na pedra!



Vamos dar uma vista de olhos, rapaz!

Temos de examinar todas as rochas!



Debaixo de uma rocha que ficava à entrada de um túnel escuro, encontrámos aquilo que procurávamos...

Iniciais gravadas com este punhal!

A.S., e aponta nesta direcção!



Este é o caminho indicado!

Abençoada tempestade! Fez-nos voltar ao sítio certo!



*A abertura ficava a 6 metros
da praia.
O chão estava coberto de água.*



*Mal tínhamos dado meia-dúzia
de passos...*



*Estudámos a rocha.
Não havia outro caminho.*



*Deitemo-la abaixo!
Vamos buscar os machados
e os pés-de-cabra.*



Então?

Pólvora!
Vamos
reventá-la!

*Fomos à jangada e voltámos com Hans
e as ferramentas.*

Será preciso um
grande buraco...
para aguentar 100
quilos de pólvora.

Temos de
conseguir
passar!

*Eu e o meu tio fizemos um rastilho.
À meia-noite tínhamos acabado o nosso trabalho.*

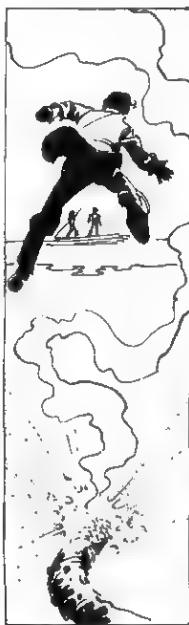
O buraco na rocha está tapado,
o rastilho está pronto.
Só é preciso uma faísca para
fazer reventar a rocha!

Vamos descansar
até de manhã.

Às 6 da manhã estávamos a pé e prontos.



O rastilho deve arder 10 minutos. Henry, volta para cá para nos pormos a uma distância segura.





Conseguimos
passar
a barreira.

Sim...



Estamos a seguir
o caminho de
Saknussem, mas
com um oceano a
acompanhar-nos!



Devemos ir a
160 quilómetros por
hora!



Perdemos a comida...
não sabemos aonde
vamos parar.
É o fim!



*Navegámos assim durante
horas... dias.*

*De repente, a jangada parou com um
choque que nos ia atirando fora.*

E agora?

Aguenta-te,
Henry!



Algo está diferente!

Sim, estamos
a descer
rapidamente!



Está a ficar
muito quente!
A água está
a ferver!

Sim,
Henry...



...estamos no túnel
de um vulcão
em erupção!
Mas que sorte!

Sorte???



Sorte
porquê?

É a única
possibilidade
que temos de
sair do centro
da Terra!





Onde
estamos?

Na
Islândia?

Não.

Seja onde for
este vulcão,
fujamos dele!

Estou morto de fome
e sede!



Não é a Islândia.
Estamos num país quente.

Talvez na costa
da Índia!



Maravilhoso!
Delicioso!

Olha,
uma visita.



Como se chama
este lugar, pequeno?

Stromboli*.

Stromboli...
um dos vulcões
mais famosos
do mundo!



Viajámos do Sneffels na
Islândia até ao Stromboli
na Itália através do centro
da Terra!

Mas quem
acreditará?



* lugar em Itália

Não nos pareceu sensato dizer aos supersticiosos habitantes como tínhamos chegado.

Poderiam pensar que éramos espíritos malignos. Dissemos que éramos naufragos e fomos bem recebidos pelos pescadores que nos deram roupa e comida e nos levaram até ao continente.

E a 9 de Outubro chegámos de novo a Hamburgo.

Deus seja louvado... o patrão!

Henry, querido! Pensei que os perdera para sempre!



O meu tio tornou-se um homem conhecido em todo o mundo... e eu, o sobrinho de um grande homem.



Hamburgo organizou um festival em nossa honra...

É um prazer distinguir o nosso cientista e entregar-lhe as chaves da cidade!

E eu entrego os papéis de Saknussem aos arquivos da cidade!



O meu tio foi convidado a fazer uma conferência no Instituto Johanneum, o que era uma grande honra.



...e agora o nosso famoso colega, Professor Hardwig!

E eu a criatura mais feliz do mundo, tinha algo a anunciar ao professor.

Querido tio...
a Gretchen, sua afilhada, acedeu
a ser minha mulher.

E agora que o Henry é um
herói, não há razão para que
me volte a deixar!

Sim, sim, muito bem...
mas acabo de fazer uma
grande descoberta neste
manuscrito antigo.



PERGUNTAS

1. Porque é que o Henry não queria ir com o tio na viagem à Islândia?
2. Como é que o professor Von Hardwig sabia qual a cratera do Sneffels que devia seguir para chegar ao centro da Terra?
3. Como é que a tempestade ajudou o professor na sua viagem?
4. Quais os problemas que quase fizeram o professor voltar à superfície e esquecer a viagem ao centro da Terra?
5. Como é que o Henry e o tio saíram do interior da Terra?
6. Porque é que o professor e o sobrinho não disseram aos habitantes de Stromboli como tinham lá chegado?
7. Quais foram algumas das surpresas que Henry e o tio encontraram no centro da Terra?
8. Quem é que conta a história? Quando?

PALAVRAS A APRENDER

cratera
guia

extinto
erupção

instrumento
pré-histórico

Biblioteca RTP

Clássicos em Banda Desenhada

*Os maiores escritores de sempre,
ilustrados pelos melhores artistas modernos!*

volumes publicados:

- Alexandre Dumas OS TRÊS MOSQUETEIROS
Lewis Wallace BEN HUR
Alexandre Dumas O MÁSCARA DE FERRO
Anna Sewell O CAVALO PRETO
H. G. Wells A GUERRA DOS MUNDOS
Rudyard Kipling LOBOS DO MAR
Sir Walter Scott IVANHOE
Júlio Verne A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
Mark Twain AS AVENTURAS DE TOM SAWYER
H. G. Wells O HOMEM INVISÍVEL
Sir Arthur Conan Doyle O CÃO DOS BASKERVILLES
Robert Louis Stevenson A ILHA DO TESOURO
Anthony Hope O PRISIONEIRO DE ZENDA
Júlio Verne 20 000 LÉGUAS SUBMARINAS
Daniel Defoe ROBINSON CRUSOE
Herman Melville MOBY DICK
Charles Dickens OLIVER TWIST
Sir Arthur Conan Doyle SHERLOCK HOLMES
Joseph Conrad LORDE JIM
Stephen Crane SOB A BANDEIRA DA CORAGEM
Jonathan Swift AS VIAGENS DE GULLIVER
Jack London CANINOS BRANCOS
Baronesa Orczy O PIMPINELA ESCARLATE
William Bligh A REVOLTA NA BOUNTY
James Fenimore Cooper O ÚLTIMO MOICANO
Mark Twain O PRÍNCIPE E O POBRE
Júlio Verne VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

a publicar

Edgar Allan Poe HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS